

**Antenor Aguiar**

**CAUSOS de Visagens**  
e Assombrações do Interior Sergipano  
& Encantamentos

Aracaju-SE

**ArtNer**<sup>EDITORA</sup>  
Comunicação

2019

© Copyright 2019 by Antenor Aguiar

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome da autora, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**

Joselito Miranda

**Editoração**

Editora ArtNer Comunicação

**Ilustrações e Capa**

Isaias Marinho

**Impressão**

Infographics

**Revisão**

Graziela Nunes

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

---

Aguiar, Antenor.  
A282c            Causos de visagens e assombrações do interior sergipano &  
                      encantamentos. /Antenor Aguiar.  
                      - Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019  
  
                      104p.: Il.  
                      ISBN: 978-85-69567-39-4  
  
1.Literatura Sergipana-Causos                    2. Causos-Assombrações-Visagens  
II - Título  
  
CDU: 821.134.3 (813.7) -3

---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

**Editora ArtNer Comunicação**

Tel.: (79) 99131-7653 • 3043-1744

<http://artner.com.br>

# *Apresentação*

**T**odo livro tem sua história. Este não pretende ser diferente, sobretudo por falar de um tema que causa medo ou encantamento.

As histórias de visagens e assombrações tem um mágico poder de atrair muitos ouvintes e leitores. O desconhecido toma conta do imaginário e provoca uma sensação de medo, que todos, de alguma forma, procuram superar. O medo é uma defesa natural contra o perigo, e a gente vence enfrentando-o.

O sentir medo é importante para a nossa sobrevivência, pois serve como um alerta natural a uma situação perigosa.

Sabe-se que grande parte dos medos está relacionada com situações ou experiências traumáticas vivenciadas no passado, sobretudo na infância.

A maioria dos medos comportamentais e emocionais é desencadeada por dificuldades e experiências negativas enfrentadas durante a vida, por exemplo: falar em público, fazer provas e exames, sofrer uma crítica muito dura, uma humilhação



ou fracasso, que faz a pessoa sentir medo de viver algumas situações ou arriscar-se.

O medo também pode ser visto como um instrumento de crescimento, quando o superamos.

Este modesto livro representa uma rara oportunidade de o leitor mergulhar no universo do “Folclore Brasileiro” com riqueza de raízes culturais e a diversidade de temas que inspiram a imaginação e a criação de novos causos e novas histórias de encantamento.

Você vai encontrar aqui histórias resgatadas de livros que não estão disponíveis atualmente ao leitor, como é o caso da primeira e última histórias desse livro, que são de encantamento. Ambas reescritas pelo sergipano Sílvio Romero (1851-1914). Que foi membro da Academia Brasileira de Letras, e hoje patrono da cadeira nº 2 da ASL - Academia Sergipana de Letras e patrono da Academia Sergipana de Contadores de Histórias.

Através deste livro de causos de visagens, assombrações e encantamento você poderá desconstruir ou ressignificar os seus medos ou crenças.



## *Prefácio*

**O**s contos de fadas nos fazem planar no mundo da imaginação, os de encantamento, instigam, despertam a curiosidade, conduzem-nos às profundezas mais surpreendentes do irreal e por eles somos arrebatados num misto de euforia e medo.

O escritor retira do fundo do velho baú verdadeiros contos populares pouco divulgados na contemporaneidade, mas, permanentemente vivos na memória e nas tradições do povo sergipano. Ao ler esses causos de visagens e assombrações, fazemos uma viagem nas asas do tempo, vislumbrando um passado onde essas personagens habitavam o imaginário popular.

Conservando a autenticidade das narrativas, o autor também revela aspectos sociológicos e folclóricos reunindo nesta obra algumas versões tradicionais escritas pelo imortal Sílvio Romero, sergipano de Lagarto, o qual escutou muitas dessas histórias em suas andanças pelo interior do estado enquanto coletava, para sua pesquisa, relatos de causos, lendas, disseminados por todo interior nordestino.

Reunidos em um número sugestivo, são treze contos,



encontramos em três deles, “A mula sem cabeça e as almas penadas”, “O lobisomem”, “O Saci Pererê e os caçadores”, importantes figuras do nosso folclore preservado de geração em geração causando fascinação até os dias de hoje.

Não se pode falar em histórias de encantamento sem citar o misterioso mundo das águas com suas lendas e segredos, aqui representado por “Iara”, cuja intenção é atrair os homens, conquistando-os com sua beleza, hipnotizando-os e os levando para o fundo do rio.

“Sinhozinho e o ouro”, história contada pelos escravos no Quilombo dos Palmares, na lendária Serra da Barriga, destaca os maus-tratos infligidos a eles e a cobiça do senhor de engenho sendo vítima da própria ganância e arrogância.

Quanto às outras histórias contidas nesta obra, não querendo revelar suas surpresas, deixo com o leitor a primazia de descobrir nas entrelinhas o misterioso e encantador mundo da assombração.

Antenor Aguiar, além de ser um bom contador de causos, nos mostra ser também um competente escritor, através dessas narrativas e com muita sabedoria acendeu a candeia da tradição oral enriquecendo a nossa cultura popular.

*Izabel Cristina Melo dos Santos Pereira*  
*Membro da ASCH - Cadeira 6*



# *Sumário*

Apresentação .....	3
Prefácio.....	5
Dedicatória.....	9
Meninos com coroas nos cabelos .....	12
O diabo e a morte.....	24
A caveira de fogo.....	31
Bastião, o defunto e o cemitério.....	37
A mula sem cabeça e as almas penadas.....	45
lara.....	53
A canela do esqueleto.....	60
Meia-noite .....	65
O lobisomem.....	69
Sinhozinho e o ouro .....	75
Dionísio, a casa mal-assombrada e a botija.....	81
O Saci Pererê e os caçadores.....	93
A Princesa Roubadeira .....	98





## *Dedicatória*

À Deus, meu timoneiro de vida, minha voz.

Aos colegas fundadores da ASCH - Academia Sergipana de Contadores de Histórias.

Aos membros do grupo Prosarte de Contadores de Histórias.

Aos colegas, semeadores da palavra em Sergipe, no Brasil e no mundo.



*S*ílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, sergipano da cidade de Lagarto, onde nasceu em 21 de abril de 1851, vindo a falecer em 18 de junho de 1914, na cidade do Rio de Janeiro, capital fluminense, aos 63 anos.

*Sílvio Romero levou uma vida prodigiosa: foi advogado, jornalista, poeta, historiador, crítico literário, escritor, filósofo, sociólogo, professor e político. Além de deixar seu registro como membro da Academia Brasileira de Letras, é patrono da cadeira nº 2 da ASL - Academia Sergipana de Letras.*

*Sugiro a todos os leitores que possam pesquisar mais sobre a vida e obras deste ícone da cultura sergipana.*

*A Academia Sergipana de Contadores de Histórias sente-se honrada em tê-lo como patrono.*

*Foram vários os livros que ele publicou, muitos dos quais, influenciado pela literatura brasileira e estrangeira.*

*Os contos que vou narrar – a primeira e a última histórias deste livro – são versões ouvidas e recontadas por Silvio Romero. Trazidas por árabes, recebendo influência portuguesa e brasileira. pertencem aos contos de encantamento, caracterizados pelo sobrenatural, pelos dons e amuletos que provocam o imaginário.*

## *Meninos com coroas nos cabelos*

**N**um Reino bem distante, três irmãs muito jovens e bonitas moravam numa casa simples, num pequeno vilarejo.

Conversavam entre elas quando Jade exclamou:

— Olhem, lá vem o Rei!

Muito animadas, as três falavam alto da varanda:

— Se eu me casasse com o Rei, linda camisa lhe faria – disse Rubi.

— Eu não – declarou Jade –, se eu me casasse com o Rei, uma calça lhe faria, como nunca se viu igual.

— Pois eu – afirmou Safira –, se me casasse com ele, lhe daria três lindos filhos com coroas nos cabelos.



O Rei, que passava por elas naquele momento, tudo ouviu.

Na manhã do dia seguinte, foi à casa das três moças e ordenou:

— Que se apresente a moça que me daria três lindos filhos, caso comigo casasse.

Safira se apresentou e o Rei a levou, casando-se com ela em meio a muita festa.

Porém, as irmãs da noiva, sua rainha, sentiram muita raiva e inveja e, secretamente, conspiravam para acabar com a felicidade da irmã e do Rei.

O tempo passou e Safira, feliz, engravidou.

As irmãs, quando souberam, perceberam logo sua grande oportunidade e correram ao palácio dizendo à rainha:

— Minha querida, queremos estar no palácio para melhor ajudá-la.

A meiga Safira, sem desconfiar das intenções das irmãs, acolheu-as com carinho.

Finalmente chegou o dia do nascimento.

Dentro do quarto, as irmãs maldosas já haviam escondido uma cobra, um sapo e um gato, mas não permitiram que o médico do Rei entrasse para realizar o parto, confiando a si esta tarefa.

Ao nascerem as três crianças – lindas, rosadas e formosas –, Jade e Rubi colocaram-nas num cesto com tampa, e Rubi lançou o cesto ao mar.

Enquanto isso, Jade, no quarto, mostrava ao Rei os três estranhos animais, dizendo-lhe que eram seus três filhos.

— Mas isto é impossível! Safira então é uma mentirosa! – bradou o Rei indignado. E, chamando os guardas, ordenou:

— Afundem esta mulher até a cintura na terra perto da escadaria do palácio, e quem por lá passar deve cuspir seu rosto.

Foi uma ordem terrível, aquela, e a pobre Safira chorava muito com tamanha injustiça, pois sabia que nasceram três lindos meninos.

Mas o destino é pródigo, e eis que um velho pescador encontrou no mar o balaio trancado. Ao abrir-lhe a tampa ficou surpreso e feliz.

— Oh! Três lindos bebês! Que maldade fizeram lançando-os ao mar – disse o pescador. E levou-os para casa, onde ele e sua velha mulher os criaram com muito amor e carinho.

Os anos se passaram. Os meninos, já crescidos, iam diariamente à única escola do reino, passando sempre em frente ao palácio e vendo aquela mulher enterrada até a cintura. Não cuspiam em seu rosto, contudo, pois consideravam uma injustiça a ordem do Rei contra uma mulher tão bela e gentil.

Jade e Rubi, que ainda moravam no palácio, viam passar os meninos e, observando-os, ficaram curiosas. Um dia se aproxima-

ram, examinaram, conversaram com eles, acabando por descobrir quem eram.

Pensando logo num plano para tirá-los de seu caminho, em dia marcado, as duas esperaram os meninos passarem para a escola.

— Olhem, crianças, o que lhes trouxemos: frutas deliciosas de nosso pomar!

E as crianças, que nem desconfiavam, comeram as frutas enfeitadas e em pedras logo se transformaram.

Já de noite, o velho pescador e sua mulher esperavam aflitos os meninos, que não apareciam. Choravam muito e em todo o vilarejo vizinhos e amigos ajudavam a procurá-los.

Foi então que a velha, com os seus mágicos poderes, descobriu o que acontecera.

— Não se preocupe marido – disse ela ao pescador –, eu vou à casa do Sol buscar um remédio para salvar as crianças. E partiu.

Depois de muito andar, encontrou um rio muito grande e bonito que lhe perguntou:

— Ô, minha avó, aonde vais com tanta pressa, montada neste cavalo?

— Vou à casa do Sol para que ele me ensine um remédio pra pedra virar gente novamente – respondeu ela.

— Ah! Então pergunte a ele, também, por que um rio tão

grande, bonito e profundo como eu não tem peixes?

E a velha se foi galopando em seu cavalo.

Logo adiante, encontrou uma árvore muito grande e com uma linda copa, mas sem um fruto sequer em seus galhos. Ao ver a velha, a árvore perguntou-lhe:

— Aonde vai, minha velhinha, neste cavalo formoso?

— Vou à casa do Sol buscar um remédio pra gente que virou pedra – ela respondeu.

— Aproveite e pergunte a ele, por favor, por que uma árvore tão grande e viçosa como eu nunca deu fruto?

A velha escutou e foi embora.

Depois de muito andar, passou pela casa de três moças bonitas, que já estavam em idade de se casar.

— Aonde vai, minha avó? – perguntaram elas.

— Vou à casa do Sol buscar um remédio pra gente que virou pedra – respondeu.

— Ah! Pergunte a ele, também, por que nós, jovens formosas, ainda não nos casamos? – pediram elas.

A velha escutou, prestou atenção e seguiu caminho. Andou, andou até que finalmente chegou à casa da mãe do Sol.

Bateu à porta e a mãe do Sol a recebeu, ouviu toda a sua história e teve muita pena da velha senhora. Ouviu ainda mais, com atenção, todos os pedidos que fizeram à velha. Depois disse:



— Vou te esconder bem escondida, porque meu filho, o Sol, não gosta de estranhos em casa. Quando ele chega, está sempre bravo, resmungando e queimando tudo por aí.



Não demorou, chegou o Sol bufando de nervoso e criando caso.

— Hum, hum... Estou sentindo cheiro de sangue de gente!

— Onde está? Hum, hum... Aqui tem sangue de gente!

— Não é nada, meu filho, é uma galinha que matei para o jantar. E a mãe o foi amansando, acalmando, até que ele sentou-se à mesa para jantar. Ela então começou a perguntar:

— Meu filho, um rio muito fundo, largo e bonito, por que nunca dá peixe?

— Porque nunca afundou gente – declarou o Sol.

Após algum tempo, a mãe tornou a perguntar:

— E uma árvore muito viçosa e copada, por que não dá frutos?

— Porque tem dinheiro enterrado debaixo dela – disse o Sol, começando a ficar inquieto.

Pouco depois, a mãe fez a outra pergunta:

— E umas moças bonitas e ricas, por que não arranjam casamento?

— É porque costumam urinar para o lado em que eu nasço – respondeu o Sol, já inquieto.

Passados mais uns minutos, a mãe, de manso, perguntou:

— E qual será o remédio pra gente que tiver virado pedra?

O Sol então perdeu a paciência, levantou-se da cadeira com estrondo e reclamou:

— Mas o que é isso hoje? Por que tantas perguntas? Assim eu não posso comer sossegado!

A mãe, despistando com jeito, acalmou-o. Fez com que se sentasse novamente dizendo:

— Sabe filho, é que fico o dia todo sozinha e começo a imaginar essas coisas. Não fique nervoso e me responda só mais essa pergunta.

— Bom, o remédio é tirar de minha boca, quando eu estiver comendo, um bocado de comida e colocar em cima da pedra. E pronto, acabou! Não me pergunte mais nada! – gritou o Sol.

Dali a um instante, a mãe fingiu um espanto, levou a mão à boca do Sol e tirou um bocado de comida, dizendo:

— Olha meu filho, um cisco na comida! – E, depressa, guardou o bocado.

Dali a pouco, a mesma coisa.

— Olha meu filho, um fio de cabelo na comida! – Tirou outro bocado e tornou a guardar.

Da terceira vez, ela fez o mesmo, e o Sol, não aguentando mais, levantou-se aborrecido, dizendo:

— Ô, minha mãe, sua comida hoje está muito porca! Assim não quero mais! E foi-se deitar.

Na manhã seguinte, o Sol partiu bem cedo para o trabalho. Sua mãe então foi até a velha, que ainda estava escondida, e contou-lhe tudo o que o Sol lhe dissera. Deu-lhe também os três bocados de comida.

A velha, muito feliz, foi-se embora para casa.

Ao chegar à casa das três moças, estava muito cansada, pois não dormira nada na casa da mãe do Sol. Resolveu lá mesmo pernoitar. Logo cedo, vendo o lugar onde as moças urinaram, ela falou:

— É por isso que vocês não se casam! Não devem urinar para o lado que o Sol nasce, pois ele acha desaforo.

As moças seguiram o conselho da velhinha e, após alguns dias, arranjaram casamento e foram muito felizes.

Continuando a viagem, a velha chegou ao pé da grande árvore. Começou a cavar e encontrou uma enorme urna com muito dinheiro. Desenterrou-a e imediatamente os frutos apareceram

como por encanto, e não acabaram mais.

Outra vez partiu e, chegando ao rio, atravessou-o apressada, dizendo-lhe, de longe, a resposta que o Sol dera:

— Você não tem peixe porque nunca afundou gente em suas águas.

O rio então, sem perda de tempo, pôs-se a encher, encher tanto que quase matou a velha, que saiu correndo em seu cavalo, pela estrada afora.

Finalmente ela chegou a sua casa. Era noite. Encontrou o marido e contou-lhe o que acontecera na viagem. Foram descansar e, ao raiar do dia, seguiram para o palácio, em cuja entrada estavam seus filhos, transformados em pedra. Abriu o embrulho que trazia com muito cuidado e pôs cada bocado de comida em cima de cada pedra.

O feitiço foi desfeito e os meninos, de volta à forma humana, abraçaram felizes os velhos pais que os criaram.

O Reino em peso comentou o milagre acontecido, e o Rei também escutou. Curioso, ele convidou o pescador, a velha e os meninos para jantarem no palácio, pois queria conhecê-los.

O casal não quis ir, mas, como o Rei ordenara, enviaram os meninos, com a seguinte recomendação da velha, que já intuía de onde eles vieram:

— Quando vocês chegarem à escadaria do palácio, ponham-se de joelhos e tomem a bênção àquela mulher que está lá, meio enterrada, porque ela é sua mãe. E, quando forem jantar, não queiram ir para a mesa enquanto o Rei não mandar desenterrá-la e colocá-la à mesa também. Ao receberem cada um o seu prato deem a ela. Ela os comerá num instante, pois está com muita fome. Ao verem isso, as duas moças que moram lá, que são suas tias, dirão:



— Que barriga de monstro é esta, na qual cabem três pratos de comida de uma só vez!

Assim que elas falarem isso, tirem os seus bonés e digam:

— Não se deve admirar que coubessem três pratos de comida, quando couberam três meninos coroados. E mostrem ao Rei suas cabeças.

Desta forma tudo se passou.

O Rei ficou muito surpreso e arrependido ao descobrir toda a verdade. Pediu perdão à Safira e perguntou aos meninos que castigo deveria dar às tias. Eles pediram que elas fossem enviadas à casa do Sol, para o servirem, como empregadas.

O Rei, muito agradecido e feliz com sua família, convidou o casal idoso para morar no palácio, mas os dois não quiseram. Preferiram continuar em sua simples casinha à beira-mar. Eles já haviam ganhado duas recompensas: três filhos adotivos que os amavam e a quem também amavam; e uma urna cheia de moedas, que a velha recolheu da árvore durante sua viagem, e que seria usada para ajudar seus amigos e vizinhos do vilarejo.

Safira tornou-se linda novamente e, junto com o Rei e os três meninos, viveu feliz para sempre.